

Thomas Mann

AS TRÊS ÚLTIMAS
NOVELAS

As cabeças trocadas · A lei
A mulher atraçoada

tradução de
Gilda Lopes Encarnação

LIVROS DO BRASIL

AS CABEÇAS TROCADAS
Uma lenda indiana

A história de Sita, mulher de cintura esbelta, filha de Sumantra, criador de vacas descendente da casta dos guerreiros, e de seus dois esposos (se assim lhes podemos chamar) coloca, pela sua natureza sangrenta e desconcertante, as maiores dificuldades à presença de espírito do auditório, cuja capacidade de fazer frente às artes mágicas e cruéis do *maya* do espírito é posta à prova. Desejável seria que o ouvinte seguisse o exemplo de tenacidade do narrador, pois quase que é preciso mais coragem para contar uma história deste tipo do que para escutá-la. Não nos afastámos, contudo, um único milímetro dos factos ocorridos, que passamos a narrar.

Nos tempos em que a nostalgia inundava a alma humana, qual elixir inebriante ou jorro de sangue enchendo devagarinho o vaso sacrificial, nos tempos em que o seio da mais austera devoção se abria ao sémen da ancestralidade e o sentimento da saudade pela mãe nos fazia de novo tremer em torno de imagens antigas, ao mesmo tempo que engrossavam as romarias que, pela primavera, acudiam à morada da grande senhora do mundo — nesses tempos idos, dois jovens de idade e casta semelhantes, apesar de constituição muito distinta, tornaram-se amigos íntimos. Um chamava-se Nanda e o outro, ligeiramente mais velho, Schridaman. O primeiro tinha dezoito anos e o segundo já contava vinte e um. Um e outro haviam sido cingidos, em dias diferentes, com o cordão sagrado e acolhidos na comunidade dos nascidos pela segunda vez. Eram naturais da mesma aldeia, chamada Paraíso das Vacas, que os deuses haviam, em tempos antigos, destinado às terras de Kosala. A aldeia possuía um templo e estava cercada por uma sebe feita de catos e por uma muralha de madeira. Fora das portas dessa muralha, voltadas para os quatro pontos cardeais, que um sábio errante, de profecias sempre certas, iniciado nos mistérios da deusa da palavra, havia pronun-

ciado o veredito, depois de cear na aldeia, de que das suas traves e vigas haveria de jorrar um dia manteiga e mel.

A amizade dos dois jovens assentava na diferença dos seus sentimentos pessoais. Cada um ansiava por conhecer os sentimentos do outro. A corporização produz individuação, a individuação produz diferença, a diferença produz comparação, a comparação produz desassossego, o desassossego produz surpresa, a surpresa produz admiração, a admiração, porém, produz desejo de troca e união. *Etad vai tad*. Isto é aquilo. E é sobretudo à juventude que se aplica este princípio, quando o barro da vida está ainda brando e os sentimentos pessoais não se petrificaram pela desintegração da unidade.

O jovem Schridaman era comerciante e filho de comerciantes, ao passo que Nanda ganhava a vida como ferreiro e pastor de vacas. Já seu pai, Garga, tanto manejava o malho como buscava penas de pássaro para atizar o fogo, tanto tratava do gado bovino no redil como o levava a pastar nos prados. O progenitor de Schridaman, Bhavabhûti de seu nome, descendia, por seu lado, da linha varonil de uma casta de brâmanes versados nos Vedas, algo que a Garga e a seu filho Nanda continuava a ser completamente proibido. Não eram, no entanto, *shudras*, pois pertenciam, não obstante o nariz algo achatado, à sociedade humana. Mas também para Schridaman — e já para Bhavabhûti — o bramanismo não passava de uma mera reminiscência, pois já o seu avô permanecera, por decisão própria, no nível de pai de família, subsequente ao de aprendiz, não chegando a ultrapassar, ao longo de toda a vida, o nível de eremita e asceta. Rejeitara viver unicamente das dádivas piedosas, devidas à sua qualidade de conhecedor dos Vedas, ou talvez não se tenha contentado com isso, e abrira um negócio respeitável de venda de musselina, cânfora, sândalo, seda e chita. Deste modo se tornara também o filho, que ele gerara para os deveres sacrificiais, um *vaixiá*, ou comerciante, da aldeia Paraíso das Vacas, tendo o filho deste, Schridaman precisamente, seguido as pisadas do pai, não sem ter dedicado alguns anos da sua mocidade, sob orientação de um guru e mestre espiritual, ao estudo da gramática, da astrologia e dos fundamentos básicos da ontologia.

Muito diferente era, portanto, Nanda, filho de Garga. O seu *karma* era outro: nunca, nem por tradição nem por atavismo, se sentira atraído pelas

coisas do espírito. Era como era, um filho do povo, de uma simplicidade jovial, uma encarnação do Krishna, pois tinha a tez morena e o cabelo escuro e até o caracol da «criança afortunada» não lhe faltava sobre o peito. O ofício de ferreiro dotara-o de braços vigorosos e o de pastor conferira-lhe igualmente uma compleição agradável; o corpo, que ele gostava de ungir com óleo de mostarda e de adornar com colares de flores silvestres e até com ouro, era bem formado e o rosto imberbe era esbelto, ainda que o nariz, como atrás referimos, fosse algo achatado e os lábios um pouco grossos. No conjunto era, no entanto, uma figura galharda, com uns olhinhos negros que pareciam rir a todo o instante.

Schridaman não deixava de sentir alguma inveja por Nanda, quando se punha a estabelecer comparações com o amigo. Tinha uma tez bastante mais clara que Nanda e o cabelo não era tão escuro, para além de que os traços fisionómicos se diferenciavam também em grande medida. A cana do nariz era fina como o gume de uma navalha, a pupila dos olhos e as pálpebras eram ternas e suaves, assim como a barba que se abria em forma de leque em torno das suas faces. Suave era também a sua compleição, sem marcas da vida de ferreiro ou de pastor, antes de cunho meio bramânico, meio comerciante: um peito estreito, algo balofo, uma barriguinha rechonchuda, mas um corpo imaculado, com joelhos e pés finamente delineados. Era um corpo que servia de acessório e apêndice a uma cabeça nobre e erudita, que se constituía como o centro de tudo, ao passo que, no caso de Nanda, o corpo era, por assim dizer, a parte fundamental e a cabeça funcionava meramente como um belo acessório. Em resumo: um e outro encarnavam Shiva na sua imagem dupla, quando surge como asceta barbudo deitado, qual corpo morto, aos pés da deusa e quando, por outro lado, se levanta diante dela, exibindo os seus membros jovens e fulgurantes.

Como, porém, não formavam uma unidade, ao contrário de Shiva, que é vida e morte, mundo e eternidade na figura da mãe, mas estavam condenados à separação sobre a terra, atuavam como imagem reflexa um do outro. Isolados, nenhum lograva sentir prazer na sua própria pessoa; embora soubessem que tudo, afinal, não é feito senão de mácula e imperfeição, invejavam precisamente o que o outro exibia de distinto. Schridaman, com a sua

boca de recorte fino entre os pelos da barba, admirava a natureza selvagem de Nanda, qual Krishna, com os seus lábios grossos; Nanda, em parte lisonjeado com a admiração que o amigo lhe votava, em parte fortemente impressionado pela tez clara, semblante nobre e discurso erudito de Schridaman — que, como todos sabiam, radicava na sabedoria e no conhecimento da essência das coisas —, não podia imaginar bênção maior do que o convívio com este, de modo que ambos se tornaram amigos inseparáveis. Não deixava, todavia, de se ocultar algum escárnio no afeto que cada um nutria pelo outro e que se manifestava na troça secreta que Nanda fazia acerca da barriga rechonchuda, do nariz afilado e das belas palavras de Schridaman, ou que este, por sua vez, tecia em torno do nariz achatado e da jovialidade popular de Nanda. Na maior parte das vezes, esta espécie de zombaria interior acompanha, porém, a comparação e o desassossego e mais não representa que um tributo aos sentimentos pessoais, em nada prejudicial ao desejo pelo *maya* que daí resulta.

Sucedeu, então, que Nanda e Schridaman, por motivos diversos, empreenderam juntos uma viagem a pé pelo país, na bela estação da primavera, aturdida pelo chilreio dos pássaros. O pai de Nanda incumbira-o de comprar uma determinada quantidade de minério bruto a certas pessoas de casta inferior, que cobriam o corpo apenas com junco, mas que dominavam a técnica da fundição do ferro e estavam habituadas a esse trabalho. Nanda, por seu lado, tinha jeito para falar com essa gente, que vivia em currais, num lugarejo a alguns dias de viagem da terra natal dos dois amigos, caminhando para ocidente, perto da cidade de Kuruksheta, a qual, por sua vez, se estendia a norte da populosa Indraprastha, na margem do rio Djamna, destino da viagem de Schridaman. Aí se deveria ele encontrar com um amigo do pai, com o qual este fazia negócios e que, tal como ele, permanecera ao nível de chefe de família na casta dos brâmanes. As mulheres da terra natal haviam tecido, com o fio mais fino, uma peça de pano estampado que Schridaman devia agora trocar, e se possível tirando lucro, por pilões para o arroz e por um determinado tipo de lenha, especialmente fácil de arder, que começava a rarear no Paraíso das Vacas.

Quando tinham atrás de si dia e meio de caminhada, ora por estradas repletas de gente, ora por ermos e bosques solitários, transportando cada um a sua carga às costas — Nanda, uma caixa com nozes da Índia, caurim e corante encarnado, envolvido em ráfia, para pintar a planta dos pés, moeda de troca com o minério da gente de casta inferior; Schridaman, com o tecido embrulhado numa pele de veado, que Nanda, de quando em vez, por amabilidade, tomava sobre os seus ombros —, chegaram a uma das praias sagradas de Kali, deusa universal, mãe de todos os mundos e seres, êxtase e inebriamento de Vishnu, na margem do rio Mosca Dourada, pequena corrente que

se despenha alegremente das montanhas, qual égua posta à solta, para moderar depois o seu curso e afluir com suavidade, em lugar sagrado, no rio Djamna, o qual, por sua vez, desagua, em lugar mais sagrado ainda, no Ganges eterno — que, por seu lado, desembocará, ramificando-se, no mar. Um sem-número de praias, celebérrimas, a água da vida que apaga todas as nódoas e que permite ao homem renascer, se este a tomar em suas mãos e a derramar em seguida no regaço — muitas destas praias debruam as margens e o delta do Ganges e em todos os pontos de embocadura de rios mais pequenos ou maiores, como os da Mosca Dourada e do Djmná, é mais que certo encontrar lugares santos de encontro e purificação, em que o sacrifício e a comunhão passaram a custar menos: para entrar nas águas, ergueram-se escadas sagradas para quem quer beber com dignidade ou aspergir os membros, não vão os crentes escorregar e cair entre as flores de lótus e os juncais, não vá o homem devoto ficar a chapinhar sem solenidade nem maneiras.

Ora, a praia a que os amigos foram dar não se contava entre as que são conhecidas pela sua dimensão ou propriedades, entre aquelas que os entendedores dizem produzir milagres e prodígios e que são frequentadas por hordas de gente distinta e miserável (ainda que em horários diferentes). Era uma praia exígua, tranquila e reservada, longe das confluências, algures na margem do rio Mosca Dourada. A praia estendia-se por uma pequena colina, a poucos metros do leito do rio, avistando-se, no seu alto, um pequeno templo, de simples madeira e já algo degradado, embora ricamente trabalhado, dedicado à deusa de todos os desejos e alegrias. O templo era rematado por uma torre larga, mas atarracada, que coroava o lugar de culto. As escadas que conduziam às águas do rio eram, também elas, de madeira já um pouco deteriorada, ainda que em nada melindrassem a dignidade da descida.

Os jovens exprimiram, de parte a parte, o seu contentamento por terem encontrado lugar tão aprazível que lhes oferecia, ao mesmo tempo, oportunidade para praticarem o seu culto, refrescarem o corpo e repousarem ainda à sombra de uma árvore. O sol do meio-dia já queimava, ameaçando o verão uma entrada prematura na estação primaveril. Sobre a encosta que ladeava o pequeno templo estendia-se um bosque de tecas, mangueiras, cadambas, magnólias, tamargueiras e palmeiras, lugar ideal para uma boa refeição e

umas horas de descanso. Antes de mais, os dois amigos cumpriram, o melhor que puderam, os seus deveres religiosos, atendendo às circunstâncias em que se encontravam. Nenhum sacerdote lhes podia fornecer o azeite ou a manteiga purificada para verterem sobre as imagens de pedra *lingam* que se encontravam colocadas no pequeno terraço em frente do templo. Foi com uma colher que por ali encontraram que os dois rapazes tiraram água do rio e cumpriram o ritual, ao mesmo tempo que murmuravam as palavras tradicionais. Em seguida, com as mãos postas diante do peito, entraram na água esverdeada, beberam uns golos, aspergiram-se convenientemente, mergulharam e deram graças, desfrutando um pouco mais do banho do que seria necessário para as obrigações espirituais. Sentindo a bênção da unidade em todo o corpo, os jovens dirigiram-se depois para o lugar de repouso que haviam escolhido debaixo das árvores.

Repartiram fraternalmente entre si o que cada um trouxera para a viagem, conquanto ambos tivessem trazido o mesmo e pudessem, portanto, simplesmente ter comido o que era seu. Quando Nanda partia um pão de cevada, estendia metade a Schridaman e dizia: «Aqui tens, meu amigo», e quando chegava a vez de este dividir um fruto, passava metade para as mãos de Nanda com as mesmas palavras. Schridaman estava sentado de lado sobre a erva ainda totalmente verde e intacta, com os joelhos e os pés alinhados ao longo do corpo; Nanda, em contrapartida, sentara-se de uma forma mais popular, com as pernas cruzadas e os pés enlaçados, uma posição que não é fácil conservar quando não se está habituado desde pequenino. Haviam-se sentado assim inconsciente e irrefletidamente, pois, se houvessem ponderado sobre o assunto, Schridaman teria cruzado as pernas, no seu desejo de parecer mais primitivo, e Nanda ter-se-ia sentado de lado, por vontade de assemelhar-se ao amigo. Nanda trazia um pequeno barrete sobre o cabelo preto e liso, ainda molhado do banho, uma tanga de algodão branco, pulseiras na parte superior dos braços e um cordão de ouro com pedras em volta do pescoço, sob o qual se via, no peito, o caracol da «criança afortunada». Schridaman, por sua parte, enrolara um lenço branco em redor da cabeça e usava uma túnica de manga curta, também de algodão branco, e uns calções entrelaçados em forma de balão. À volta do pescoço trazia uma

bolsinha com um amuleto pendurada num fio fininho. Em sinal da sua crença, ambos tinham a testa assinalada com um ponto branco.

Quando acabaram de comer, afastaram as sobras e puseram-se à conversa. Nem príncipes nem reis poderosos teriam a seus pés lugares tão bonitos como aquele. Por entre as árvores, sua folhagem e tufos em flor, embalados por uma leve brisa, por entre os ramos altos do bambu e do caniço, avistava-se o rio e os últimos degraus da escada. Em volta dos ramos caíam, suspensas, grinaldas verdes formadas pelas trepadeiras, que enlaçavam graciosamente os troncos das árvores. O trinado e o chilreio de pássaros invisíveis misturavam-se com o zumbido das abelhas douradas que pairavam sobre as flores do prado, num desassossego perpétuo, para cá e para lá, acabando por se alojar urgentemente no seu seio. No ar misturava-se o cheiro fresco e quente das plantas, o perfume intenso do jasmim, o aroma particular do fruto da palmeira, do sândalo e ainda do óleo de mostarda, com que Nanda, após o banho, se havia de novo ungido sem mais demoras.

— É como se estivéssemos para lá das seis vagas da fome e da sede, da velhice e da morte, do sofrimento e da cegueira — disse Schridaman. — Respira-se uma paz extraordinária neste lugar. É como se nos tivessem transportado das tramas infatigáveis da vida para o seu âmagô posto em sossego. E pudéssemos, enfim, respirar fundo. Escuta como tudo está sossegado! Utilizo o verbo «escutar», porque só o silêncio nos permite que escutemos com atenção. O silêncio permite-nos escutar tudo o que não está verdadeiramente em sossego e nós ouvimo-lo como se estivéssemos a sonhar.

— As tuas palavras são muito acertadas — retorquiu Nanda. — No bulício do mercado é impossível escutarmos, mas só podemos falar de sossego quando, no silêncio, ainda podemos escutar isto ou aquilo. O silêncio completo só se encontra no nirvana, pelo que não podemos já utilizar a palavra «sossegado».

— Pois não — rematou Schridaman, desatando a rir. — Ainda ninguém se havia lembrado de chamar sossegado ao nirvana. Mas tu, em certa medida, lembraste-te de o fazer, se bem que apenas pela negativa, dizendo que não podemos utilizar a palavra «sossegado», ou seja, escolhendo de entre todas as possíveis negações — já que só por negações se pode falar do

nirvana — a mais cómica de todas! Tens o hábito de dizer coisas espertas dessa maneira — se é que podemos usar a palavra «esperto» para algo que é simultaneamente correto e ridículo. Podia dar-te inúmeros exemplos, pois sempre sinto a barriga estremecer quando isso acontece, quase como se começasse com soluços. Por aí já se pode ver como o rir e o chorar estão, afinal, interligados e como é ilusória a diferença valorativa que fazemos entre o prazer e a dor, aprovando um e reprovando a outra, quando ambos só se podem avaliar positiva ou negativamente quando vistos em conjunto. Há, no entanto, entre as várias exaltações da vida, uma mistura de riso e de choro que podemos considerar fundamentalmente positiva e aprovar sem hesitações. Para a descrever foi criada a palavra «comoção», que designa uma espécie de compaixão jovial. É a compaixão que faz com que o estremecimento da minha barriga seja tão parecido ao soluço e que me faz sentir outra vez pena de ti por essa tua esperteza.

— Eu faço-te sentir pena? — quis saber Nanda.

— Sim, porque tu és, afinal de contas, um verdadeiro filho de Samsara e estás prisioneiro de ti próprio — replicou Schridaman. — Não pertences de todo àquelas almas que anseiam por emergir do terrível oceano do pranto e do riso, qual flor de lótus erguendo-se acima das águas e oferecendo o seu cálice aos céus. Tu sentes-te completamente bem nas profundezas, que fervilha de vultos e máscaras entrelaçadas, em mutação constante, e porque te sentes bem nesse mundo, o teu semblante faz-nos sentir bem quando olhamos para ti. Ora, o que te resta é meter isto bem dentro da tua cabeça e deixar o nirvana em paz, evitando fazer comentários, pela negativa, sobre as suas características, do tipo, «o nirvana não é sossegado», que nos leva às lágrimas de cómico que é, ou, para empregar a palavra criada para o efeito, que é «comovente», porque nos faz sentir pena do teu bem-estar benfazejo.

— Ouve lá — contrapôs Nanda —, o que queres dizer com isso? Posso ainda admitir que te faço pena por estar preso na cegueira de Samsara e não ter qualquer jeito para ser como a flor de lótus. Mas quanto a fazer-te pena por também eu, dentro das minhas possibilidades, tentar pronunciar-me sobre o nirvana — isso já me parece ofensivo. Pois ouve o que te digo: também tu me fazes pena.

— Ora, e a que se deve essa inversão de perspectiva? Por que razão tens tu pena de mim? — inquiriu Schridaman.

— Podes ter lido os Vedas e ter assimilado algo do conhecimento ontológico — argumentou Nanda —, mas sucumbes mais fácil e prontamente à cegueira do que quem não o fez. É isso que me provoca cócegas no corpo e comoção, isto é, compaixão jovial. Basta-te estar num sítio um pouco sossegado, como é o caso deste, para te deixares em seguida cegar por uma paz aparente, abandonando-te ao sonho das seis vagas da fome e da sede e acreditando que te encontras no âmago posto em sossego das tramas da vida. E, no entanto, o sossego que se vive neste lugar e o facto de tanto haver para escutar neste silêncio provam precisamente que tudo está em ebulição e fervilha de vida em redor, não passando a tua sensação de paz de uma mera ilusão. Estes pássaros só arrulham porque chegou a hora do acasalamento, estas abelhas, libélulas e joaninhas andam em frenesim porque estão loucas de fome, a erva rumoreja com milhares de insetos e outros bichos que lutam em segredo pela sua vida e estas lianas, que tão graciosamente enlaçam as árvores, apenas lhes querem sugar o alento e a seiva para se tornarem, elas mesmas, mais fortes e poderosas. É este o verdadeiro conhecimento do ser das coisas.

— Estou bem ciente disso — declarou Schridaman — e não me deixo cegar por essas coisas ou, se o faço, é apenas de passagem e de livre vontade. Não te esqueças de que não existe apenas a verdade e o conhecimento da razão, mas também a intuição simbólica do coração humano. Ela sabe decifrar a escrita dos fenómenos, não só a partir do seu primeiro e prosaico sentido, mas também a partir do segundo, que é o mais elevado. E utiliza essa mesma escrita para chegar ao domínio da pureza e do espírito. Como queres tomar consciência da paz e sentir a felicidade do silêncio na tua alma, sem que uma imagem do *maya* — que, como é evidente, não representa, *per se*, a felicidade e a paz — o impulsione? Ao homem foi concedida e permitida a possibilidade de servir-se da realidade para contemplar a verdade e é pela poesia que tal fenómeno se revela.

— Ah, é essa a tua opinião? — riu-se Nanda. — Mas então, a crer nas tuas palavras, a poesia seria a estupidez que sucede à inteligência. Quando encontrássemos uma pessoa estúpida, teríamos de perguntar se continuava

a ser estúpida ou se já o teria voltado a ser. Há que dizê-lo: vocês, os inteligentes, não nos simplificam a vida. Pensamos nós que o importante é ser inteligente e, ainda antes de o sermos, percebemos que o que realmente importa é voltar a ser estúpido. Não nos devem mostrar o estádio seguinte, o mais elevado, para que não percamos a coragem de atingir o precedente.

— De mim nunca ouviste dizer — afirmou Schridaman — que o que importa é ser inteligente. Anda, vamos deitar-nos na erva macia, agora que já almoçamos, e olhar para o céu através dos ramos das árvores. É uma experiência visual muito curiosa, esta de olhar o céu de uma posição que não nos obriga propriamente a levantar os olhos, uma vez que eles, por assim dizer, já estão apontados para cima, tal como sucede com a terra-mãe.

— *Siyâ*, pois seja — anuiu Nanda.

— *Siyât!* — corrigiu Schridaman, fazendo uso da versão vernácula e exata. Nanda riu-se dele e de si próprio.

— *Siyât, siyât!* — repetiu. — Meu picuinhas, deixa-me com o meu linguajar! Quando falo sânscrito, pareço uma vitela a fungar quando alguém lhe passa uma palha pelo focinho.

Schridaman não resistiu a esta comparação tão primitiva e desatou também a rir. Deitaram-se então os dois sobre a erva, seguindo a sugestão de Schridaman, e puseram-se a contemplar o azul de Vishnu por entre os ramos e os tufo de flores que baloiçavam no ar. Agitavam com a mão uma folha para afastarem as moscas vermelhas e brancas, chamadas Protegidas de Indra, que eram atraídas pela sua pele. Nanda não se deitou por gostar particularmente de contemplar o firmamento da perspectiva da terra-mãe, mas sim por mera amabilidade. Não tardou, porém, a levantar-se de novo, retomando a sua posição de cócoras, como os Drávidas, com uma flor na boca.

— A Protegida de Indra é mesmo impertinente — disse, tratando as numerosas moscas que o envolviam como se fossem um só e único ser. — Talvez não consiga resistir ao meu doce óleo de mostarda. Mas também pode ser que tenha recebido do seu protetor, do cornaca, senhor dos relâmpagos, do grande deus, a ordem de nos castigar e torturar — já sabes por que razão.

— Mas isso não te devia incluir — retorquiu Schridaman —, pois, no outono passado, quando estávamos debaixo da árvore, tu foste a favor de

que a festa de ação de graças a Indra se realizasse à moda antiga ou, melhor dizendo, à maneira moderna, observando os costumes religiosos e bramânicos. Podes proclamar a tua inocência, já que nada tiveste que ver com a decisão que tomámos em conselho no sentido de nos afastarmos do culto prestado a Indra e nos voltarmos para uma nova ação de graças que, na realidade, é muito mais antiga, mais adequada a nós, gente da aldeia, e mais natural ao nosso sentir religioso do que a ladainha da cerimónia bramânica dedicada a Indra, senhor dos raios e trovões, destruidor das fortalezas do povo ancestral.

— São muito certas as tuas palavras — assentiu Nanda — e, no entanto, a minha alma não está em paz, pois, ainda que tenha dado o meu voto a favor de Indra, naquele dia, sob a árvore, temo que ele não se detenha em tais pormenores e peça satisfações a todo o Paraíso das Vacas, já que extinguíram a sua festa. A gente acorda um dia e mete-se-lhe na cabeça, sabe-se lá vindo de que parte, que a ação de graças a Indra já não é apropriada, pelo menos para nós, pastores e agricultores, e que se deveria voltar a um culto religioso simplificado. O que temos nós a ver, perguntam, com o grande Indra? Os brâmanes versados nos Vedas dedicam-lhe sacrifícios usando fórmulas intermináveis. Nós, por nosso lado, queremos dedicar os nossos sacrifícios às vacas e às montanhas, aos prados e às florestas, já que são eles as nossas verdadeiras e adequadas divindades. É como se esse tivesse sido sempre o nosso culto, antes da vinda de Indra, que precedeu os vindouros e destruiu as fortalezas do povo ancestral. Embora já não tenhamos a certeza de como voltar a praticá-lo, sabemos que o nosso coração no-lo ensinará e nos voltaremos a lembrar. Queremos prestar culto ao monte Cume com Cor, aqui ao lado, recorrendo a costumes religiosos que se podem considerar novos, na medida em que teremos de os desenterrar novamente do fundo da memória do nosso coração. E em sua honra sacrificaremos animais puros e depositaremos oferendas de leite azedo, flores, frutos e arroz cru. Em seguida, os rebanhos de vacas adornadas com flores outonais darão a volta à montanha, voltando-lhe o flanco direito, e os touros bramirão com a voz retumbante das nuvens transbordando de chuva. Este será o nosso novo-velho culto à montanha. Contudo, para que os brâmanes não se zanguem, vamos alimentar centenas deles, recolhendo o leite de todos os currais e enchendo-lhes a barriga com requeijão e

arroz doce, com o que já nada terão a dizer. Foi isto o que alguns disseram, debaixo daquela árvore: uns aprovaram, outros não. Eu fui, desde o início, contra o culto à montanha, já que grande é o meu temor e respeito por Indra, que destruiu as fortalezas do povo negro, ao mesmo tempo que não me agrada nada especular acerca de coisas sobre as quais não há certezas. Mas então intervieste tu, com as tuas palavras vernáculas e corretas — digo «corretas» em relação à língua em si —, a favor de uma reforma da festa e da renovação do culto à montanha, passando por cima de Indra, o que me fez calar. Se aqueles que se sentaram nas carteiras das escolas, pensei eu, e apreenderam algo da essência das coisas, erguem a sua voz contra Indra e apelam à simplificação religiosa, quem somos nós para ter opinião diferente? O que nos resta é esperar que aquele que está para chegar e destruir as fortalezas se compadeça e se satisfaça com as refeições das centenas de brâmanes, não nos castigando com secas terríveis ou chuvadas desmedidas. Pode ser, pensei ainda, que o próprio Indra esteja saturado da sua festa e queira vê-la substituída, para sua própria distração, pelo culto à montanha e pela procissão das vacas. Nós, os simplórios, sentíamos devoção por ele, mas ultimamente talvez ele já a tenha perdido em relação a si mesmo. Diverti-me muito, por sinal, nessa festa renovada e foi com gosto que levei as vacas adornadas a dar a volta à montanha. Mas, há pouco, quando corrigiste o meu prácrito e insististe em que dissesse *siyât*, não pude deixar de pensar que é curioso que intercedas por coisas simples em termos corretos e eruditos.

— Não há nada de curioso nisso — contrapôs Schridaman. — Tu utilizaste a linguagem do povo para defender o ritual bramânico, o que decerto te deu prazer e te fez feliz. Mas uma coisa te posso eu dizer: maior fonte de felicidade se encontra em usarmos palavras corretas e eruditas para interceder por coisas simples.